



Jornal na sala de aula e habilidades de leitura na Era da Informação¹

Mônica Pegurer Caprino²
Ana Silvia Aparício Moço³
Vitória Kachar Hernandez⁴

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP

Resumo

O trabalho apresenta reflexões a partir de pesquisa iniciada em 2008 pelas autoras junto à rede municipal de ensino de São Caetano do Sul, com o objetivo de verificar o nível de compreensão de leitura de notícias de jornal pelos alunos do Ensino Fundamental II. A análise se vale de dados quantitativos - extraídos da aplicação de um teste de compreensão de leitura baseado nos descritores de Língua Portuguesa do Sistema Nacional de Avaliação - e qualitativos, obtidos em discussão com os professores. A interpretação dos dados indica que os jovens transportam para a leitura do texto do jornal estratégias utilizadas para a leitura e decodificação das informações on-line, em uma sociedade que valoriza cada vez mais os recursos multimidiáticos como forma de relação e compreensão do mundo.

Palavras-chave: jornal; escola; educação; comunicação; leitura.

Introdução

Vários exames de avaliação aplicados a alunos brasileiros, tais como o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) têm apontado resultados insuficientes em relação à compreensão de leitura para o que se espera da formação do cidadão numa sociedade urbana e globalizada, altamente letrada, como a atual.

Na avaliação internacional feita, pelo teste PISA em 2006, em 41 países pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico, o Brasil ficou entre os últimos cinco países, com nota inferior a 4, numa escala de 1 a 8 (MARCUSCHI,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação, graduada em Jornalismo e em Letras, professora do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS e coordenadora da pesquisa “Uso do jornal em sala de aula e compreensão de leitura no lócus de São Caetano do Sul”, e-mail: mcaprino@uol.com.br

³ Doutora em Linguística Aplicada, especialista em Leitura e Produção de Texto. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS, e-mail: anaparicio@uol.com.br.

⁴ Doutora em Educação, graduada em Pedagogia e em Psicologia. Professora do Curso de Pedagogia Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS, email: vkacharh@uol.com.br.



2008, p. 230). Os resultados mostram que a maioria dos alunos não é capaz de reconhecer a idéia principal de um texto, inferir informações ou construir sentido e conexões entre o texto e outros conhecimentos da experiência pessoal.

A avaliação de compreensão aplicada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais em alunos do ensino básico por meio do SAEB mostrou, em 2001, que “a compreensão teve êxito em cerca de apenas 50-60% das situações” (MARCUSCHI, 2008, p. 230).

De modo geral, esses testes trabalham com descritores cuja abrangência vai desde a recuperação de informações específicas até a demonstração de compreensão geral de texto e reflexão sobre seu conteúdo e suas características. Tais descritores vão apresentando grau crescente de complexidade, conforme se avançam nas séries do Ensino Fundamental II. Os resultados apontam as várias dificuldades que os alunos apresentam nas habilidades de leitura solicitadas. Uma dessas dificuldades refere-se, inclusive, à simples identificação de informações explícitas no texto.

Uma explicação para tal fato seria a inadequação das estratégias de leitura utilizadas pelos alunos para a compreensão do texto escrito. Diante disso, a pergunta que tem sido feita por especialistas da área é se as atividades de leitura desenvolvidas nas escolas ensinam, de fato, o aluno a entender e compreender textos.

Ao contrário da comunicação oral, que coloca interlocutores face a face, a comunicação escrita acrescenta outros graus de dificuldade à sua eficácia. Como destaca Marcuschi, “compreender bem um texto não é uma atividade natural nem herança genética [...]. Compreender exige habilidade, interação e trabalho” (MARCUSCHI, 2008, p. 220).

Uma concepção tradicionalmente assumida pela escola é a de que ler significa apenas um processo de “decodificação” de letras (escrita) em fonemas (fala), para se acessar o significado do texto. Nesta perspectiva, aprender a ler envolve percepção visual e memória dos grafemas (letras, símbolos, sinais), que deve ser associada, também na memória, a outras percepções (auditivas) dos sons da fala (fonemas). Fazendo essas associações, o indivíduo, partindo da letra, chegaria à sílaba e à palavra, e delas, à frase, ao período, ao parágrafo e ao texto, acessando assim, linear e sucessivamente, seus significados. Desse modo, as capacidades exigidas para a chamada “leitura fluente” seriam somente as de decodificação do texto. (cf. Rojo, 2004) Tendo isso em vista, o papel da escola no tocante à leitura ficaria restrito a desenvolver atividades orientadas, por exemplo:



- a decifrar em voz alta as correspondências entre letras e sons, tarefa avaliada pelo professor em função da velocidade da leitura, isto é, se o aluno sabe traduzir adequadamente o texto escrito a uma forma oral, entenderá o texto porque sabe falar e entender a linguagem oral;

- a ler para responder as atividades de “compreensão de texto”, isto é, quando a compreensão do texto consiste na leitura oral ou silenciosa de um texto, seguida da resposta a um questionário cujas perguntas se limitam a cobrar a lembrança imediata de pequenos detalhes secundários do texto e se referem a informações obtidas segundo o desenvolvimento linear do escrito.

Na verdade, essas atividades de leitura referem-se exclusivamente à avaliação da compreensão leitora e, portanto, não ensinam a compreender o texto, pois não mostram ao aluno os caminhos que ele pode seguir para construir o sentido do texto. Enfim, são atividades centradas no resultado da leitura e não em seu processo e, assim, não se ensina a compreender. Por isso, embora hoje já se admita facilmente que um dos objetivos da aula de língua portuguesa é ensinar a ler, podemos dizer que as atividades de leitura desenvolvidas na escola não contribuem para que o aluno seja capaz de interpretar e compreender autonomamente os textos escritos.

Outro aspecto a ser considerado é a natureza dos textos normalmente trabalhados com os alunos para a leitura. A leitura, muitas vezes, está, para o aluno, associada a textos literários clássicos que, a priori não lhe despertam interesse, como destaca Maria Alice Faria (2001, p.7). Surge, assim, o jornal como um possível instrumento para o incentivo à leitura. “A imprensa escrita, diária e local, oferece diversas possibilidades à criança e ao adolescente de exercitarem variadas formas de aprendizagem tendo por base temas da atualidade [...]” (PAVANI, 2003, p. 25). Aliás, a utilização do jornal na sala de aula aparece desde o século XIX como uma contraposição ao conteúdo oferecido pelos livros didáticos ou clássicos literários. Na Espanha, a leitura de jornais já era vista no final do século XIX e início do século XX como alternativa à obrigatoriedade de se ler Miguel de Cervantes (GAIA, 2002).

O jornal norte-americano Eastern Herald, de Portland, publicou em 1795 um editorial em que defendia a idéia de que o jornal seria um excelente meio para o aprendizado da leitura: “Jornais são abundantes e baratos – o livro mais barato que pode ser comprado, e quanto mais você compra, melhor para seus filhos, por que cada parte fornece alguma nova e válida informação” (GARNER; SULLIVAN, 2004).



No Brasil, projetos de introdução do jornal em sala de aula são desenvolvidos desde a década de 70 e vários jornais, principalmente por meio da Associação Nacional de Jornais e seu Programa Jornal e Educação⁵, têm hoje iniciativas voltadas a atividades diversas com o jornal em sala de aula, nem sempre ligadas somente a questões de leitura.

O uso do jornal na sala de aula atende também à proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que propõem à escola eleger como objeto de estudo textos que aparecem com frequência na realidade social, para que sejam analisadas suas formas de recepção e de produção, privilegiando-se, assim, o processo de interlocução, indispensável para que o aluno seja capaz de ler, de maneira autônoma, textos de gêneros e temas com os quais tenha construído familiaridade.

Dessa forma, elege-se frequentemente o texto do jornal como objeto de trabalho nas escolas, seja de forma isolada, reproduzido em trechos nos livros didáticos, seja em atividades em que se pretende trabalhar vários aspectos desse veículo de comunicação. Surgem, a partir daí, algumas questões importantes: como é o nível de compreensão de leitura dos estudantes em relação às notícias de jornal (gênero mais básico do jornalismo)? Em face das inovações trazidas pela tecnologia ao mundo da comunicação, o jornal se torna, de fato, um instrumento que pode ser utilizado com alternativa à literatura e aos livros didáticos ou também tem se transformado em um texto complexo para os alunos em um mundo da comunicação de frases e textos curtos? Será necessário um trabalho contínuo de familiarização com o jornal para que o jovem possa consumi-lo como produto cultural de seu cotidiano e facilitador dos processos de leitura?

Pesquisa de campo

A pesquisa “Uso do jornal em sala de aula e compreensão de leitura no lócus de São Caetano do Sul”, iniciada em 2008, procura discutir vários dos aspectos mencionados e os dados parciais levantados até o momento são aqui apresentados e possibilitam realizar algumas reflexões sobre as questões citadas. Programada para ter continuidade até 2011, a pesquisa tem como objetivo discutir as interfaces possíveis entre comunicação e educação na Era da Informação (assim chamada por Castells), principalmente no que diz respeito à leitura. A partir da experiência concreta de utilização do jornal na sala de aula em escolas municipais da cidade de São Caetano do Sul, que tem um dos maiores IDHs do Brasil, pretende-se verificar os níveis de

⁵ Veja a home-page do Projeto no endereço: <http://www.anj.org.br/jornaleeducacao>.



compreensão de leitura de notícias de jornal por estudantes do Ensino Fundamental II, durante seu percurso do 6º ao 9º ano, e se o trabalho contínuo com o jornal em sala de aula pode incrementar tais níveis de compreensão.

“Uso do jornal em sala de aula e compreensão de leitura no lócus de São Caetano do Sul” é uma pesquisa descritiva que trabalha com dados quantitativos mediante testes periódicos de compreensão de leitura. O projeto também inclui, em paralelo, capacitação de professores para o uso do jornal em sala de aula, bem como acompanhamento das atividades periódicas realizadas em classe.

O projeto de pesquisa inclui a distribuição de 20 exemplares de jornais às escolas, diariamente, com a proposta de que se realizam atividades de leitura de notícias nas aulas de Língua Portuguesa, no mínimo quinzenalmente.

O recebimento diário garante que as classes possam ter acesso aos jornais em dias diferentes, com a sugestão de uso de um jornal para cada dupla de alunos. Além disso, oferece aos professores a possibilidade de acompanhamento de assuntos, se houver necessidade. A equipe de pesquisa sugeriu a utilização do gênero noticioso, por envolver estrutura textual mais simples e aspectos de compreensão relacionados a acontecimentos pontuais e aspectos factuais. Foi escolhido o jornal *Diário do Grande ABC*, por ser regional e apresentar notícias que possam ser mais próximas ao cotidiano dos alunos. Ao mesmo tempo, o jornal trata, também, de assuntos nacionais e internacionais nas áreas de esporte, política, policial, enfim, de todas as editorias presentes nos jornais de grande circulação.

O nível de compreensão do texto é avaliado por testes de compreensão de leitura, elaborados pela equipe especialmente para a pesquisa, mas baseados nos descritores de habilidades de leitura utilizados pelos principais exames de avaliação do Ensino Fundamental II, tais como o SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes).

Em 2008, o universo pesquisado foi o da 5ª. série (atual sexto ano) e as seguintes habilidades de leitura foram verificadas: localizar informações explícitas no texto; inferir o sentido de uma palavra ou expressão; estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc.; inferir uma informação implícita no texto; estabelecer relações entre texto escrito e recursos gráfico-visuais presentes no texto e identificar o tema principal do texto; estabelecer relação causa/conseqüência entre partes e elementos do texto; distinguir um fato de opinião



relativa a esse fato; identificar a finalidade de textos de um determinado gênero; estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto; indicar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.

Foi elaborado um teste de compreensão de leitura com dez perguntas de múltipla escolha, a partir de três notícias do *Diário do Grande ABC*, reproduzidas no teste em sua diagramação original. Da totalidade de alunos matriculados na quinta série em 2008 nas escolas da rede municipal de São Caetano (890), 770 responderam ao teste, aplicados pelos professores de Língua Portuguesa e devolvidos à equipe de pesquisa.

As respostas às dez questões foram tabuladas por escola e também no âmbito geral do município, o que revelou que as médias de erros e acertos não variavam de forma significativa entre as escolas.

Após a tabulação dos dados, houve uma sessão de debates com os professores de Língua Portuguesa das classes envolvidas no projeto e foram levantadas importantes hipóteses para complementar a análise dos resultados.

As quatro primeiras questões referiam-se a uma notícia sobre a lei aprovada no Estado de São Paulo proibindo o fumo em lugares fechados (Título: Governo estadual quer proibir fumo). A questão 1 pretendia verificar se o aluno era capaz de localizar uma informação explícita no texto: o que aconteceria se a pessoa estivesse fumando em um desses lugares e se recusasse a apagar o cigarro. Embora o texto dissesse claramente “caso o infrator se recuse a apagar o cigarro, ele deve ser retirado do local, se necessário, com auxílio da força policial”, 57,1% dos alunos erraram e 42,9% responderam corretamente.

O interessante foi notar que 48,4% dos alunos assinalaram erroneamente a alternativa A (o fumante deveria pagar uma multa), quando o texto da notícia informava que era o estabelecimento responsável por pagar uma multa. Há dois aspectos a destacar: a resposta correta está quase no final do texto, na última das quatro colunas, o que levou a levantar a hipóteses, no debate com os professores de Língua, de que a maioria dos alunos não chegou ao final do texto para responder, acreditando que a resposta à primeira pergunta estaria logo no início. Aliás, a palavra multa aparece realmente logo no início mas relacionada aos estabelecimentos comerciais.

Ao responder um teste, o aluno parece estar habituado a seguir a seqüência cronológica, associando a compreensão à estratégia de roteiros de perguntas muito estimulada pelo livro didático. Como destaca Marcuschi (2008, p. 267), a maioria das



atividades de compreensão de leitura programadas pelo livro didático são perguntas repetitivas e padronizadas, feitas na mesma seqüência do texto.

Além disso, no caso da resposta equivocada à questão mencionada, podemos falar da associação de idéias diretas: você comete uma infração, você paga uma multa. Assim, os professores de Língua Portuguesa envolvidos no projeto levantam a hipótese de que os alunos muitas vezes não consideram a informação do texto, mas seu conhecimento prévio.

Na questão 2, era pedido aos alunos que inferissem o sentido de uma palavra ou expressão. Na frase “Nem os policiais foram descartados no combate ao fumo”, solicitava-se um sinônimo para a palavra “descartados”. Embora 70,3% dos alunos tenham optado pela alternativa certa (no caso era “deixados de fora”), ainda houve 21,9% que escolheram equivocadamente a alternativa “incluídos”. Nesse caso, supõe-se que a dupla negativa possa ter induzido a um sentido positivo.

O interessante é observar que seria simples ao aluno verificar a resposta correta somente substituindo no texto a palavra pedida pelo sinônimo e verificando o sentido. Entretanto, não se utilizam desse mecanismo para inferir o sentido de uma expressão.

Já na questão 3, o objetivo era que o aluno estabelecesse relações lógico-discursivas presentes no texto por conjunções, advérbios etc. A partir da frase dada (“A proposta é criar um canal de denúncia para que os fiscais possam agir”), pedia-se o sentido de “para que”, ou seja, que se compreendesse qual era a relação lógico-discursiva. Houve 51,6% de erros e 48,4% de acertos. Embora a resposta fosse simples, o número de alternativas erradas foi bastante grande e algo que se pode observar é que a alternativa que mantinha mais semelhança à estrutura da frase original foi a mais escolhida. No grupo de discussão, a partir da própria experiência dos professores na sala de aula, levantou-se a hipótese de que os alunos não observam o sentido da frase, mas decodificam o texto por olhadelas rápidas, optando pela semelhança estrutural.

No segundo bloco de perguntas, relativas a uma notícia sobre a pane em um bimotor, que não conseguiu decolar do Aeroporto de Congonhas, o mesmo motivo pode explicar as respostas da questão 6, que tinha o objetivo de que o aluno estabelecesse relações de causa e consequência entre partes e elementos do texto. Houve 54% de erros e 46% de acertos. Nas alternativas incorretas, estavam informações presentes no texto, mas que não explicavam a causa do acidente. De novo, a “olhadela rápida”, a partir de palavras chaves ou de frases construídas de forma idêntica ao que está no texto, mesmo que com outro sentido, explicam o equívoco nas respostas.



“Olhadelas rápidas”

A hipótese de “olhadelas rápidas” aplicadas ao processo de leitura ao se responder às perguntas do teste encontra eco e explicação no perfil dos alunos que foram objeto da pesquisa nas escolas de São Caetano do Sul. Em média, 90% dos estudantes pesquisados (não podemos esquecer que nos referimos à cidade brasileira de maior IDH do país) têm computador em casa, com Internet. Ou seja, estão acostumados à leitura das páginas on-line. Por outro lado, desses alunos, mais de 60% afirmam que não há jornais regularmente em suas casas, fazendo crer que tem pouca intimidade com esse veículo de comunicação, passando somente a se habituar com sua leitura no ambiente da escola.

Pesquisas realizadas pelo Poynter Institute⁶, da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, verificam desde o ano 2000 os movimentos oculares em uma atividade de leitura. São os chamados estudos de Eyetracking, realizados com o uso de um aparelho especial. A pesquisa de 2007 realizou uma comparação entre a leitura de jornais impressos e jornais on-line. É interessante conhecer esses conceitos, que podem muito bem ser aplicados no contexto da pesquisa sobre o jornal em sala de aula para explicar algumas lógicas da leitura realizada pelos alunos.

Segundo a pesquisa, aqueles que lêem notícias no jornal impresso têm maior tendência de não chegar ao fim do texto do que os leitores das notícias on-line. Os dados obtidos pelo Poynter Institute afirmam que 77% leitores de on-line lêem até o final os textos escolhidos, contra 62% de leitores nos jornais impressos em formato tradicional e 57% quando se trata dos tablóides. Essa tendência de não fazer a leitura até o final no texto impresso também foi observada pelos dados aqui levantados, conforme já mencionado.

A pesquisa identifica dois tipos diferentes de leitores: os metódicos e os “escaneadores” (*scanners*), que primeiro fazem uma leitura “por alto” de toda a página e, em seguida, escolhem o que vão ler em detalhes. Esse tipo de leitor lê parte da notícia e depois focalizam outros elementos da página, sem retornar ao texto. Já os metódicos (75% dos que lêem jornais impressos) realizam a leitura de uma notícia a outra, sucessivamente. Lêem a página inteira e relêem algumas passagens. Podemos dizer que

⁶ Veja a home-page www.poynter.org.br



os jovens estão cada vez mais próximos ao perfil de leitores “escaneadores”, que tentam realizar a compreensão a partir das “olhadelas rápidas”.

É o que se observa a partir dos dados da questão 4, em que os alunos respondem o que aparece primeiro no texto. É uma informação verdadeira, mas que não responde ao que está sendo perguntado. A pergunta solicita que os alunos façam inferências a partir do texto, escolhendo a alternativa que melhor se encaixa aos motivos que teriam levado o governo a proibir o fumo. O aluno tem que inferir essa informação a partir da leitura do texto todo pois a informação que leva a essa inferência está no último parágrafo. Quando se solicita esse tipo de habilidade, normalmente uma estratégia seria reler o texto. Será que esse jovem leitor da sociedade informatizada faz isso? Ou simplesmente se contenta com a leitura que “escaneia” as palavras chaves?

Essa última hipótese se corrobora por várias análises que têm sido feitas sobre as transformações por que passa o mundo, incluindo aí a educação. Martín-Barbero fala justamente desses novos modos de percepção e linguagem, de novas sensibilidades e escrituras:

A revolução tecnológica que vivemos não afeta somente em separado a cada um dos meios, mas também está produzindo transformações transversais que se evidenciam na emergência de um ecossistema comunicativo, conformado não só por novas máquinas ou meios, senão por novas linguagens, escrituras e saberes, pela hegemonia da experiência audiovisual sobre a tipográfica e a reintegração da imagem no campo da produção de conhecimentos. (p.68)

O impacto visual

As informações trazidas pelo texto escrito, muitas vezes, não são absorvidas pelos alunos, pois o impacto dos elementos visuais é maior. É o que foi observado na questão 5, que pedia aos alunos que verificassem título, ilustração e frase abaixo da ilustração (legenda) e respondessem sobre o que esses elementos informavam. Embora pelo título e pela legenda, ficasse óbvio tratar-se a notícia do acidente com um avião em Congonhas e boa parte dos alunos tenha marcado a alternativa correta (47,2%), o número expressivo de 21,1% assinalou a alternativa que afirmava ser a decolagem do avião o assunto retratado por título, foto e legenda. Nesse caso, ficou evidente o impacto maior da foto, que retratava um avião decolando na parte superior e o avião fora da pista na metade inferior.

No caso da questão 7, a sutileza do texto passa despercebida pelos alunos, que não conseguem identificar no modo condicional (“o piloto teria perdido o controle...”) a



distinção entre o que é fato e o que é suposição. Nesse caso, 67% dos alunos erraram a resposta.

O último bloco de perguntas, associado a uma terceira notícia (Título: Chegada de frente fria cria halo ao redor do sol) registrou o maior número de acertos, relacionados às questões 8 e 9. A primeira indagava sobre a finalidade do texto e 62% dos alunos marcaram a alternativa correta: informar sobre um fenômeno solar que pôde ser visto no Grande ABC. Segundos os professores, o fato de terem trabalhado com os alunos o gênero notícia e suas funções explica a relativa facilidade em marcar a alternativa. Mas ainda é interessante observar que 22,5% dos estudantes optaram pela alternativa que dizia ter o texto a finalidade de “alertar a população sobre a chegada de uma frente fria no Grande ABC”. Nesse caso, voltamos à hipótese do leitor que “escaneia” a informação e reconhecer a expressão “chegada de frente fria” como idêntica à que está presente no título.

Na questão 9, 71% identificaram a expressão halo-solar como sinônima a anel na frase apontada, que pretendia verificar a habilidade de estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para sua continuidade.

A última questão trouxe um resultado inesperado: 76% dos alunos não conseguiram reconhecer a função do uso das aspas em um trecho indicado. Como é de praxe na linguagem jornalística, as aspas evidenciam a fala de um entrevistado, entretanto, 41,7% dos alunos responderam que a notação tinha como função reforçar uma idéia do autor do texto. Nesse caso, a falta de familiaridade com o texto jornalístico pode ter influenciado na resposta, fazendo com que os alunos se remetessem a outros usos das aspas, novamente sem voltar ao texto para ali verificar a aplicação ou não da resposta escolhida.

Considerações finais

Embora se acredite que o jornal seja uma leitura “fácil”, uma alternativa aos livros clássicos de literatura para o estímulo da leitura, isso não se confirma pelos dados levantados. Os jovens leitores estão, hoje, inseridos em um novo contexto de consumo de informação que interfere em suas atividades de leitura.

No âmbito da sala de aula, podemos dizer que ensinar e aprender a ler são, realmente, tarefas complexas. Nos últimos 50 anos, como aponta Rojo (2004), o desenvolvimento das pesquisas e estudos sobre o ato de ler vem demonstrando que a



leitura envolve muitas outras estratégias e capacidades (cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, lingüísticas) todas dependentes da situação e das finalidades de leitura. Em outras palavras, a leitura passa a ser enfocada não apenas como um ato de decodificação, de transposição de um código (escrito) a outro (oral), mas como um ato de cognição, de compreensão, que envolve conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos lingüísticos que vão muito além dos fonemas e letras. Desse ponto de vista, a leitura eficiente é uma tarefa que exige diferentes combinações de capacidades de várias ordens.

Cabe, portanto, à escola, promover o ensino de estratégias de leitura (decodificação, seleção, antecipação, inferência, verificação, confirmação de hipóteses, etc) e o desenvolvimento de habilidades mobilizadas por um leitor proficiente. A característica mais saliente de um leitor proficiente, segundo Kleiman (1992, p.51), “é sua flexibilidade na leitura. Ele não tem apenas um procedimento para chegar aonde quer, ele tem vários possíveis, e se um não der certo, outros serão ensaiados”. Por isso, o ensino de estratégias de leitura consiste em tentar reproduzir as condições que dão ao leitor proficiente essa flexibilidade e independência.

Essa perspectiva exige, antes de tudo, que a leitura seja considerada como uma prática central de todas as disciplinas do currículo, e o professor, qualquer que seja sua área, como mediador ou facilitador da leitura para os alunos. Ao professor de Língua Portuguesa, cabe propiciar condições para que o aluno descubra como se constrói a leitura, articulando-a aos diferentes gêneros de texto; não se lê, por exemplo, uma notícia da mesma forma que um poema ou que se consulta um dicionário.

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental II, a leitura fluente só se dá quando o leitor utiliza estratégias como: selecionar, antecipar, inferir e verificar, sendo, pois, o uso, desses procedimentos que permite tomar decisões diante das dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas, etc. (Brasil 1998, p. 53-54).

Em suma, o professor deve se preocupar em trabalhar uma diversidade de práticas de leitura criando oportunidades para que o aluno encare a leitura como uma atividade prazerosa, a qual exige um engajamento cognitivo. Nos termos de Kleiman e Moraes (2008, p. 129), “o sujeito cognitivamente engajado mobiliza seus conhecimentos para fazer sentido de uma situação”.

A notícia é um gênero que pode atrair muitos leitores e normalmente é considerada um bom ponto de partida para um trabalho de leitura. Além de possibilitar



ao aluno se engajar em vários objetivos de leitura (ler para se informar, ler para realizar trabalhos, ler para comunicar um texto a um auditório, entre outros) e segundo perspectivas de diferentes disciplinas (História, Geografia, Matemática, etc), as notícias geralmente apresentam fotos, diagramas, tabelas e outros recursos de apoio à compreensão.

Entretanto, não se pode considerar o texto jornalístico “mais fácil” e interessante em princípio. Os conhecimentos prévios são constantemente acionados na leitura de jornais e, muitas vezes, até por sua característica intrínseca de ser um periódico, o jornal parece ser escrito somente para os “iniciados” que o acompanham diariamente. O relatório da ANJ sobre o Programa Jornal e Educação (2009) aponta também alguns desses aspectos. Os alunos entrevistados (PESQUISA JORNAL E EDUCAÇÃO, 2009, p.26) acreditam que a linguagem do jornal seja muito formal. Até mesmo os professores observam que a leitura do jornal não é fácil, mas afirmam que essa leitura pode fomentar maior dinamismo e facilidade para outras leituras: “Um leitor de jornal, lê qualquer coisa. Porque a leitura do jornal é uma leitura complicada. Então se o aluno conseguir ler o jornal, pelo simples prazer de ler, ele vai ser um leitor fantástico”, diz um professor entrevistado (PESQUISA JORNAL E EDUCAÇÃO, 2009, p.39).

Observam, também, que o contato contínuo com o jornal pode melhorar as avaliações de leitura, o que faz crer que há necessidade dos alunos desenvolverem estratégias para a compreensão das notícias a partir da leitura contínua do jornal e do conhecimento das características desse meio de comunicação.

A aproximação entre os mundos da educação e da comunicação se faz cada vez mais necessária, levando em conta o conjunto das produções culturais e das lógicas discursivas de todos os meios e, principalmente, a influência que a linguagem audiovisual e instantânea da Internet exerce sobre os jovens. Como diz Martín-Barbero (2003, p. 79), estamos vivendo uma era em que acontecem reconfigurações comunicativas do saber e do narrar. São mudanças e inovações que devem ser levadas em conta não só pelos professores, se desejarem que seus alunos dominem as habilidades de leitura do texto escrito, mas também por aqueles que produzem produtos comunicacionais mais tradicionais, como o jornal impresso, se quiserem que o veículo sobreviva e conquiste novos públicos no século XXI.

Referências bibliográficas



BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

FARIA, Maria Alice. **O Jornal na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

GAIA, Rossana. **Notícias na Escola: possibilidades de leituras críticas**. Trabalho apresentado no NP11 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 2002. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18913/1/2002_NP11_GAIA.pdf>. Acesso em: 25 fev 2007.

GARDNER, John N.; SULLIVAN, Betty L. The National Newspaper as a Tool for Educational Empowerment: Origins and Rationale. In: **Using National Newspapers in the College Classroom: Resources to Improve Teaching and Learning**. The New York Times Knowledge Network's monograph for teaching newspaper usage in first-year college courses. NYT, 2004. Disponível em: <http://www.nytimes.com/ref/college/faculty/coll_mono_link.html> . Acesso em: 25 fevereiro 2007.

KLEIMAN, A.B. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1992.

KLEIMAN, A.B. & MORAES, S.E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La educación desde la comunicación**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2003.

ROJO, R. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. Texto de divulgação científica elaborado para o **Programa Ensino Médio em Rede**, Rede do Saber/Fundação Vanzolini/SEE-SP e para o **Programa Ler e Escrever - Desafio de Todos**, CENPEC/SME-SP. SP: SEE-SP e SME-SP, 2004

PAVANI, Cecília (Org). **Jornal: (In) Formação e ação**. Campinas, SP: Papyrus, 2002

PESQUISA JORNAL E EDUCAÇÃO - Da leitura à cidadania. Pesquisa qualitativa sobre os programas jornal e educação. Brasília: John Snow Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/pesquisas/pesquisas>> Acesso em: 10 jun. 2009.